

Estratégias de agrupamentos para o trato com a heterogeneidade de níveis conhecimento

Deiviane Reis de Melo Freire¹
Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral analisar a prática pedagógica dos professores no uso de agrupamentos nos anos iniciais do ensino fundamental I para o trabalho com a heterogeneidade de conhecimentos. Utilizamos como instrumento de coleta de dados 10 observações de aulas, além de uma entrevista semiestruturada feita com a professora, além do registro no caderno de campo, com intuito de identificar na sua postura frente às situações na sala que venham a estar em acordo com os objetivos da pesquisa. Os dados foram analisados mediante a perspectiva teórica da análise temática. Os resultados parciais mostraram que a docente tem um trabalho voltado para as heterogeneidades com grupos, porém durante a mediação das atividades pedagógicas não usa de maneira proveitosa esses agrupamentos.

Palavras-chave: Alfabetização. Agrupamento. Heterogeneidade. Sala de aula.

1. Introdução

Vygotsky (apud Chaiklin 2011) ao tratar sobre o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), considera que o meio impacta diretamente no processo de mediação entre o homem e o objeto. Dessa forma, o autor é enfático na afirmação que, por meio do conhecimento da ZDP que o docente poderá oferecer atividades lúdicas e instigantes, que corroboram para com os objetivos traçados, alternando em tarefas de alta autonomia ou baixa autonomia do alunado. Assim, além de ressaltar a essa colocação, o autor destaca a relevância da interação entre pares, para o desenvolvimento da aprendizagem, assim como o sujeito passa pela transição de ser biológico para um ser sócio-histórico. A partir disso, todas as ações do sujeito tornam-se sociais e culturais, pelas representações simbólicas feitas do indivíduo dos símbolos presentes na sua cultura, para isso o cérebro faz ligações complexas entre signo e significante.

¹ Concluinte de Pedagogia – 2025.1 – Turma PT- TCC2 – Centro de Educação – UFPE.
deivianemelo18@gmail.com

² Professora do Departamento de Ensino e Currículo – Centro de Educação – UFPE.
ana.gpessoa@ufpe.br

Cabe destacar que, em sua teoria, Vygotsky (apud Chaiklin 2011) também aborda os princípios da Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), que corresponde ao nível em que a criança consegue realizar uma atividade com total autonomia e da Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP) que refere-se à interligação entre o que a criança já é capaz de fazer sozinha e as atividades que ela só consegue realizar com o suporte de um mediador. Por essa razão, a interação entre as crianças e com o professor no ambiente de aprendizagem é essencial, pois as trocas realizadas durante o processo de mediação permitem que as crianças desenvolvam novas habilidades, ampliando suas capacidades através da colaboração e do apoio mútuo.

Portanto, é notória a relevância em saber que a sala de aula é um espaço onde a interação entre pares se torna um instrumento importante para a aprendizagem dos alunos. Convém ressaltar, que nem todos os estudantes aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo, eles apresentam tipos de conhecimentos diferentes e ritmos de aprendizagens diversos (Teixeira e Bernardelli, 2016).

Posto isso, a diversidade humana é um marco importante a ser levado em consideração pelos professores, posto que os indivíduos apresentam esferas cognitivas e sociais diferentes, o que se reflete em níveis de habilidades distintas para as áreas de desenvolvimento (Aquino, 1998). Então, a consciência sobre seus impactos na aprendizagem faz com que o docente planeje formas de lidar com esse fenômeno tão urgente da sociabilidade humana. Dessa maneira, o planejamento pedagógico deve incorporar estratégias didáticas que respondam à heterogeneidade dos saberes presentes na sala de aula. Entre essas estratégias, destaca-se a organização dos agrupamentos, que deve considerar a constituição da turma enquanto coletivo composto por estudantes com distintas habilidades, ritmos e modos de aprender.

No tocante aos diversos tipos de agrupamentos vigentes na sala de aula, podemos evidenciar a presença da forma de agrupar em grupos coletivos, grupos por afinidade, pequenos grupos, quartetos, trios e duplas (Cavalcanti, Silva e Leal, 2021). A diversificação de grupos será modificada conforme planejamento do docente, assim a metodologia do professor irá definir se há necessidade de realizar atividades coletivas, ou realizar atendimentos individuais de acordo com a necessidade dos estudantes.

Diante disso, o interesse pela temática surge mediante a vivência no Curso de Pedagogia, em disciplinas que balizam as dificuldades dos docentes em lidar com os diferentes níveis de conhecimento, além da ligação da autora com o grupo de estudos

em Heterogeneidades do Centro de Educação. Assim como, pela participação no Programa de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco. Este trabalho foi desenvolvido conjuntamente no mesmo período em que as atividades do Pibid estavam sendo realizadas. Foi com base nessas experiências que problema surgiu, em meio a curiosidades sobre como as formações de agrupamentos pode contribuir na mediação docente durante as atividades sala de aula.

É com base nos ditames prescritos na Constituição Federal de 1988, outorgada pela Assembleia Constituinte Nacional, que se entende a relevância dos preceitos de uma educação obrigatória e gratuita de qualidade a todos. É assim que o tema do trabalho vigente sobre diferenças nas aprendizagens suscita a investigação, para saber se as estratégias que revelam a intencionalidade proposta pelo professor nas formas de agrupar os alunos na sala de aula, irão entrelaçar com o direito de aprendizagem de qualidade nos espaços escolares.

O tema heterogeneidade ainda parece bastante novo para os professores do ensino fundamental dos anos iniciais, mas autores como Leal e Pessoa (2023), Teixeira e Bernardelli (2016) destacam que a pluralidade de saberes na sala de aula sempre existiu, porém passou a ter essa nomenclatura com o aumento de estudos sobre as diferenças nas habilidades escolares dos aprendizes, as estratégias utilizadas e as dificuldades do professor para o trabalho em sala de aula com esse público diverso. Vale destacar que cada aluno tem seu ritmo e possui especificidades que impactam no processo de consolidação dos conhecimentos.

Assim, Cavalcanti, Silva e Leal (2021) nos fazem refletir sobre a ação docente lidando diretamente à abordagem dos diferentes níveis de conhecimento, estabelecendo relação com as estratégias utilizadas, intenções pedagógicas e interação nas situações de ensino. As autoras discorrem também sobre o contexto em que as diferenças encontradas nos níveis de conhecimento dos alunos, era concebida como um movimento dissociado do processo de ensino-aprendizagem. Com isso, os estudos acima indicados salientam sobre esta área do conhecimento, mostram que surge uma nova concepção em que a heterogeneidade está presente e impacta na qualidade da educação.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas de uma professora do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental no uso de estratégias de agrupamentos para o trabalho com a heterogeneidade de níveis conhecimento. De modo mais específico, buscamos: identificar os tipos de

agrupamentos usados pela professora em sala de aula; verificar os objetivos didáticos da professora na forma de agrupar os estudantes durante a aula; analisar as mediações da professora durante a realização de atividades em agrupamentos diversos e examinar o que significa para a docente uma prática pedagógica que leva em consideração a heterogeneidade no processo de ensino aprendizagem.

Com relação à organização deste trabalho, em sua primeira seção, iremos discutir sobre o marco teórico que molda o cenário da multiplicidade de conhecimentos do ambiente escolar, formas de agrupamentos. A seguir, tecemos a relação com a metodologia escolhida para este estudo, por fim, expomos os resultados do estudo e as considerações finais.

2. Os agrupamentos face à heterogeneidade de conhecimentos em sala de aula

O termo *agrupamento*, segundo pesquisas realizadas em dicionários, aparece no léxico francês como *groupe* para remeter “à disposição de objetos ou pessoas em uma obra de arte como um quadro”. Além disso, o termo também é encontrado no dicionário italiano *gruppo* que significa “amontoado nó”, do antigo germânico *kruppaz* “massa arredondada, inchaço”. Esses significados transmitem uma base comum de que, o significado mais próximo de “agrupamentos” é de amontar algo ou alguém, seja em contextos artísticos, sociais.

Nesse ínterim, o agrupamento é concebido como ferramenta de composição, para autores como Cavalcanti, Silva e Leal (2021), onde o professor determina, de acordo com seus objetivos para a aprendizagem, formações de grupos que possam interagir de maneira construtiva. Assim, caracterizar o termo agrupamento significa empregar aspectos que irão convergir nas perspectivas teóricas de autores como Teixeira e Bernardelli (2016), Picarelli (2013) e Leal e Pessoa (2023). Dessa maneira, a percepção vigente é a de que os agrupamentos, para funcionarem como estratégias pedagógicas do professor, devem ter intencionalidade e direcionamento, de forma a impactar na maneira de potencializar os conteúdos compartilhados pelo docente para os aprendizes.

Cavalcanti, Silva e Leal (2021) tecem relações sobre a linha histórica de como a heterogeneidade se tornou um assunto tão urgente de debates e pesquisas no cenário educacional. Assim, as autoras partem da premissa de que as turmas heterogêneas

ganharam visibilidade acentuadamente pelo movimento da universalização da educação básica. Dado isso, elas revelam que a escola, entidade responsável pela promoção da aprendizagem, passou a focar na existência de turmas heterogêneas na medida em que a ferramenta de manutenção da homogeneização foi desnaturalizada, a “reprovação”, instrumento que visava a comprovação do alcance das aprendizagens previstas para aquele ano escolar.

Teixeira e Bernardelli (2016) comentam acerca da importância do ensino planejado e adaptado, que contribui no sentido de atender às necessidades de cada estudante, garantindo a aprendizagem de todos. Desta feita, os autores analisaram os aspectos que fundamentam a sua percepção sobre a pluralidade e o ensino para todos, como um direito. Assim Teixeira e Bernardelli(2016), citam Aquino que ressalva:

A heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e consequente ampliação das capacidades individuais (AQUINO, 1998 *apud* TEIXEIRA e BERNARDELLI, 2016, p. 168).

Para Leal e Pessoa (2023), a heterogeneidade é a diversidade exposta, sejam estas na nuance mediante construtos sociais, individuais e culturais. Consoante a isso, as autoras discutem sobre as estratégias que os docentes lançam mão para equalizar a aprendizagem dos seus alunos. Com efeito, nos apresentam os tipos de saberes heterogêneos já evidenciados nas suas pesquisas que são: individual, referente à pessoa com deficiência, e do percurso escolar. Do mesmo modo, todos os autores citados anteriormente convergem na concepção de que a heterogeneidade é vista como uma oportunidade de potencializar as interações em sala de aula, para promover a inclusividade por meio do respeito aos diferentes percursos e assegurar os direitos fundamentais.

Desta feita, cabe destacar que a heterogeneidade de níveis de conhecimentos é concebida como parte do processo que diferencia os aprendizes mediante as diferenças nos percursos escolares dos sujeitos. Assim, esses tipos de habilidades heterogêneas abordam as especificidades que são transpassadas pela aprendizagem singular, em que cada educando recebe e processa as informações, além de considerar também a consolidação das habilidades de maneira multiforme.

Com isso, Cavalcanti, Silva e Leal (2021) afirmam que ao diversificar as formas de agrupamento alteram-se as formas em que os alunos podem interagir, exercendo suas potencialidades para contribuir nas aprendizagens um dos outros.

O trabalho de Cavalcanti, Silva e Leal (2021) reflete sobre a abordagem de diversificação utilizada por docentes, em meio à dificuldade apresentada ao mediar o processo de ensino-aprendizagem com ênfase na heterogeneidade de níveis de conhecimentos. Nesse sentido, o trabalho irá evidenciar a contribuição do agrupamento de crianças em diferentes níveis do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). No entanto, quando falamos em diferenças nos níveis de conhecimentos, não nos referimos somente ao SEA, mas ao conjunto de habilidades dos aprendizes para se efetivarem como sujeitos autônomos e críticos.

Do mesmo modo, Freire (1996) salienta que a prática docente deve ser orientada pelo respeito à autonomia do educando. Para isso, o professor deve promover uma ação educativa que estimule a participação ativa de todos os sujeitos no processo de aprendizagem. O autor também enfatiza a importância do compartilhamento de experiências entre educador e educando. Nesse contexto, o espaço escolar torna-se um ambiente de interação, no qual a troca entre os participantes fortalece as habilidades de todos os envolvidos.

Pensando na interação entre os estudantes é preciso ter clareza que a heterogeneidade está presente na escola, por essa razão os agrupamentos são uma ferramenta robusta na diversificação de estratégias para o trato com a heterogeneidade, primordialmente a de níveis de conhecimento. (Sá, 2015; Cavalcanti, Silva e Leal, 2021).

Damiani (2008) ao abordar quais as vantagens do trabalho colaborativo em educação, nos apresenta que a imitação do outro na ZDP ocorre para transformação de conhecimentos/habilidades internalizados por meio da mediação de outros, ou de objetos da cultura interindividual. Desta forma, durante as mediações nas formações de grupos diversos em sala de aula é notório a presença da imitação das atitudes e ações dos educandos, principalmente daqueles que são considerados os mais influentes na turma.

Ainda neste trabalho a autora ressalta para as questões de que o “outro” é a eixo central do processo que promove a colaboração e cooperação, apesar dela não chamar os trabalhos colaborativos em grupos de agrupamento, compreendemos que se trata do

mesmo conceito “agrupamento”. Nessa perspectiva, consideramos que o agrupamento se alinha com a teoria de Vygotsky (apud Chaiklin 2011) quanto ele aproxima a questão de interação, imitação e mediação que constrói o processo de internalização do sujeito. Mesmo que Vygotsky tenha como base em seus estudos o desenvolvimento infantil, ele ainda afirma que esta estrutura básica serve para o desenvolvimento de todos os indivíduos.

É nesse movimento que os professores trabalham com agrupamentos de maneira que a assiduidade colabora para a oportunização de aprendizagens em cenários diversos, para os educandos. Dado que, na escola o uso de diversas maneiras de agrupar os alunos em distribuição nas atividades, como nas primeiras civilizações que aproveitavam o potencial de cada um, a escola deve lançar mão dessa estratégia para promover a aprendizagem de qualidade a todos os sujeitos.

Assim, a heterogeneidade é um fenômeno presente em todas as áreas da comunidade civil, para isso surge a junção de sujeitos dotados de habilidades distintas para cooperação de acordo com as habilidades individuais. Normalmente a melhor escolha seria diversificar nas organizações durante a formação dos agrupamentos, como supracitado acima. Nas turmas de alfabetização comumente se observa a presença de formações de grupos pelos docentes que juntam alunos que detêm conhecimentos em níveis diferentes, com intuito de um auxiliar o outro no decorrer das atividades propostas.

Concomitantemente, são feito acompanhamentos pelos professores de diversas formas, como no atendimento individualizado que vai de encontro ao objetivo do docente de acompanhar um aluno de maneira mais próxima. Já, o acompanhamento através de combinações de educandos em pequenos grupos visando a troca de percursos seja dupla, trio, essa estratégia faz parte da ideia de Zona de Desenvolvimento Proximal suscitada por Vygotsky (apud Chaiklin 2011). Tudo isso remetendo a busca por mediação dos conteúdos de diversas formas para que seja alcançados objetivos diferentes com estratégias diversificadas.

Partindo desta premissa, o trabalho com agrupamentos pode corroborar para promover o direito de uma educação de qualidade para todos, no entanto só esta ferramenta isolada não garante isto. Quando concebe-se que a partilha de conhecimentos entre os educandos através das diversas maneiras de agrupar, promove as habilidades de cooperação e interação. Visto que, esse processo corrobora para

formação integral do sujeito, englobando diversas habilidades como cooperação, escuta, respeito, criticidade (Bloom, 1956).

3. Metodologia

Com intuito de contemplar os objetivos deste trabalho, recorreremos à abordagem qualitativa, uma vez que desejamos compreender sobre as metas estabelecidas pelo professor no uso de agrupamentos na turma de 3º ano, para o trabalho com a heterogeneidade de conhecimento. Nas pesquisas que usufruem do foco qualitativo, existe um esforço para “desvendar a relação de interação entre sujeito-sujeito e sujeito-ambiente dos membros que compõem o grupo.” (Ludke e André, 1986, *apud*. Mazzotti e Gewandsznajder p. 163).

Consoante a discussão acima, levando em consideração o recorte que será feito na intencionalidade da docente a propor as formas de agrupamentos nas atividades em sala de aula e quais estratégias eles utilizam para potencialização das aprendizagens através dessas formações. Para isso, o pesquisador da situação-problema necessitou estar alerta para os passos que o docente deu, na medida em que também foi feito entrelaçamento com pesquisas já realizadas na área estudada. (Minayo, 1992)

Foram alvo deste trabalho uma professora da rede municipal do Recife, que lecionava no 3º ano do ensino Fundamental I, no período de fevereiro a julho de 2025. As observações ocorreram uma vez por semana, assim como previsto para visita no Pibid. A seleção foi feita mediante ao conhecimento do trabalho da docente com diversificações nas formas de agrupar durante as atividades em sala. Isto ocorreu devido a participação da autora no projeto de iniciação à Docência (PIBID).

A escola na qual foi realizada a coleta de dados, já mantinha-se contato com a equipe gestora, pois estava sendo desempenhado atividades do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na turma que foi feita a coleta de dados. Logo, o critério para escolha da escola foi 1) Participar do Pibid e 2) Está localizada na Região Metropolitana do Recife. Para escolha da docente foi utilizado o critério de uso de agrupamentos na prática pedagógica,.

Os dados foram coletados por meio de 10 observações, uma entrevista semiestruturada, além disso foi usado um caderno de campo para o registro de aspectos

importantes verificados nas observações (Ludke e André, 2018). Assim, as autoras caracterizam o tipo de entrevista semiestruturada como uma forma que já prevê uma estrutura básica, porém não concebe uma rigidez na condução da conversa e que as observações não-participantes constitui a não interferência do pesquisador no cenário pesquisado.

A importância da junção desses dois instrumentos de coleta de dados foi de grande relevância para enriquecimento do produto final deste trabalho. Esses dados serviram de base para análise de temática de Minayo (1992) A escolha foi feita com base na prevalência de identificação dos objetivos do trabalho vigente, para que fosse possível mapear as intenções da docente no estabelecimento de agrupamentos diversos durante as aulas.

4. Resultados

No tocante a conhecer mais sobre os processos envolvidos na prática da docente e também a sua concepção acerca da alfabetização, além da sua relação com a heterogeneidade de conhecimentos, delimitamos duas categorias de análise também usadas no grupo de pesquisa em heterogeneidade², por saber: 1) A formação de tipos de agrupamentos para o trabalho com a heterogeneidade e 2) Mediação docente durante a realização de atividades em agrupamentos diversos.

4.1. A formação de Tipos Agrupamentos para o Trabalho com a Heterogeneidade

² Grupo de Pesquisa em Ensino da Língua Portuguesa nos anos 3 a 5 do Ensino Fundamental: currículo e prática docente no contexto da heterogeneidade das escolas brasileiras e das relações com outros componentes curriculares. Sob orientação das professoras Telma Ferraz, Ana Cláudia Pessoa e Maria Lúcia Ferreira.

No início das observações foi possível identificar a presença predominante de agrupamentos por duplas formados previamente pela docente. Passadas algumas observações, essa duplas que eram pré-formadas pela docente num quadro que distribuía todos os alunos, conforme se a cooperação e agilidade durante as tarefas propostas em sala, também levando em consideração os seus níveis no Sistema de Escrita Alfabética (SEA). conforme ilustrado na Figura 1:

Figura 1 - Quadro Demonstrativo das duplas



Fonte: Autoria própria³.

A docente se preocupa em garantir que todas as duplas trabalhem de maneira produtiva em sala de aula. Para ela, "ser produtivo" implica não conversar excessivamente durante as atividades e concluir as tarefas de forma ágil.

Por isso, a professora decidiu realizar observações ao longo de alguns dias para avaliar se os agrupamentos formados durante as atividades seriam realmente benéficos para a aprendizagem de todos. Durante essa semana de observação, ela percebeu que algumas duplas não estavam atingindo o rendimento esperado: as crianças conversavam demais e demoravam demais para concluir as atividades.

Diante desse cenário, tornou-se necessário reformular os agrupamentos. Com base nos registros das observações, ela elaborou um novo quadro com formações atualizadas para otimizar o desempenho das crianças. É possível observar essa postura na cena a seguir:

³Na figura 1 é possível ver a disposição feita pela docente, onde a louça está localizada no lugar onde está o nome "Mapa da sala".

Cena 1

Após isso, a docente dividiu a turma em dois grupos, o 1º grupo iria fazer a conclusão da avaliação iniciada no momento anterior, antes do recreio e lanche, e o 2º grupo ficaria na sala copiando a atividade de casa. Assim, a professora escreveu a atividade no quadro e explicou o que deveria ser feito na tarefa. A seguir a docente propôs o desenho de um mapa mental sobre “o universo e o sistema”, esta atividade seguiu para o final da aula.

Nesse trecho retirado do caderno de registro da aula da autora, é notório que a professora não estabelece uma conexão entre as atividades, o principal intuito dela é o preenchimento do tempo das crianças, a neutralização dos corpos como bem aponta Foucault(1975). Para Ferreiro e Teberosky(1985) ressaltam a perspectiva que o processo da alfabetização está configurado na base processual de conflitos que a criança faz, nesse sentido as autoras ainda destacam que as atividades na sala de aula devem promover a problematização para avanço nas hipóteses da SEA. A seguir segue a 2ª organização da turma construída pela professora.

Figura 2 - Atualização do Quadro Demonstrativo dos agrupamentos



Fonte: Autoria própria.

Dessa vez a docente optou pela formação de trios e um quarteto, nesse sentido a docente repete o mesmo movimento anterior de observar durante uma semana como funcionarão os agrupamentos. Para que se necessário sejam feitas modificações, nesse sentido ela observa que a turma continua distraído ao longo das realizações das atividades, conversando bastante e não fazendo a atividade no tempo previsto. Partindo desta premissa, a docente não concebe que as trocas sejam direcionadas para formulação de respostas ou tentativa de resolução de problemas propicia o avanço nas aprendizagens, ela intitula conversas durante as atividades com dispersão e perda de tempo.

Figura 3 - 2º Atualização do Quadro Demonstrativo



Fonte: Autoria própria.

As modificações realizadas pela docente, durante as observações revelam que seu propósito principal não era promover a interação e compartilhem antro de habilidades para fazer as atividades no decorrer das aulas. Mas sim, a intenção de maior controle e silenciamento das crianças também estimulava a rapidez na resolução de atividades e avaliações revelando sua compreensão de tempo cronológico concebendo como tempo pedagógico.

Conforme pode ser constatado na imagem abaixo, a professora torna a modificar os agrupamentos da turma:

Figura 4 - 3ª Atualização no Quadro Demonstrativo



Fonte: Autoria própria.

Diante do exposto na imagem acima, gera que a visão da docente sobre o tempo pedagógico é focada no preenchimento de tempo e avanço contínuo dos aprendizes. No entanto, ressaltamos que a aprendizagem nas turmas de alfabetização que apresentam urgências nas heterogeneidades, onde as crianças se encontram em níveis diferentes da alfabetização, o que colabora para o prolongamento dos mesmo em uma mesma atividade. Necessitam de atividades diretas que considerem o ritmo da turma, além de levar em conta o entrosamento promovido em cada agrupamento, para que as atividades aconteçam de maneira significativa para o alunado.

4.2 Mediação Docente Durante a Realização de Atividades em Agrupamentos Diversos

A prática da docente era predominantemente voltada para preenchimento do tempo dos alunos, em algumas situações as atividades propostas não estavam de acordo com o ritmo da turma, por isso muitos alunos não conseguiam terminar a atividade ligeiramente rápido ou simplesmente não terminavam. É a partir disso, que Araújo e Teles (2015) refletem sobre o tempo na rotina das turmas de alfabetização, e asseguram que essa visão de tempo vem dos primordiais da matemática, que era e é usada para calcular a passagem do tempo. Isso respinga na organização de pensamento das

professoras principalmente na educação pública, que consideram o tempo cronológico como tempo pedagógico.

Para munir de aspectos para discussão foi elaborada uma tabela com a quantidade de vezes que a docente organizou as atividades em diferentes maneiras de agrupar as crianças.

Tabela 1- Quadro de frequência da organização da turma

Aulas observadas	Tipos de Agrupamentos				
	Individual	Dupla	Trio	Quarteto	Coletivo
1	2X				X
2	X				X
3					
4	X			X	X
5	X				X
6	X				X
7	X				X
8	2X	X			X
9				X	X
10	X	X			X

Fonte: Autoria própria

Cena 2

A aula seguiu bastante corrida, pois os alunos estavam se prendendo por muito tempo em uma atividade só, por conta disso a professora chamou a atenção deles para se concentrarem e realizaram as duas atividades de português até o horário do lanche antes do recreio.

Desta feita, é perceptível a preocupação da docente em manter as crianças em um ritmo acelerado de realização das atividades, como também na dispersão em conversas, brincadeiras.

Observa-se que a professora demonstra preocupação em organizar as duplas de alunos de forma a evitar conversas paralelas durante as atividades. No entanto, essa organização não parece ter como objetivo promover a interação entre alunos com

diferentes níveis de conhecimento, mas sim minimizar distrações. Essa abordagem, embora prática, pode não aproveitar o potencial pedagógico das interações entre alunos com diferentes experiências e conhecimentos.

Leal (2020) destaca que a alfabetização deve ser entendida como um processo que vai além da simples decodificação de palavras, sendo fundamental integrá-la à prática social da leitura e da escrita. Também no trabalho de Leal (2020) enfatiza que a aprendizagem da escrita deve ocorrer por meio de atividades que envolvam os alunos em contextos significativos, permitindo-lhes compreender o funcionamento do sistema de escrita alfabética e utilizá-lo de forma crítica e reflexiva

Portanto, ao não considerar as interações entre alunos com diferentes conhecimentos, a docente pode estar perdendo uma oportunidade valiosa de enriquecer o processo de aprendizagem. Aproveitar a diversidade de conhecimentos entre os alunos pode promover um ambiente mais dinâmico e colaborativo, alinhado à perspectiva de letramento proposta por Leal.

Para elucidar os trâmites envolvidos neste trabalho, trazemos abaixo um trecho da entrevista semi-estruturada realizada com a docente, ao ser questionada sobre quais estratégias ela utiliza para atender alunos com diferentes níveis de conhecimento e experiências?

Ao planejar, considero diferentes objetivos de aprendizagem e penso em caminhos diversos para atingi-los. Isso pode incluir desde jogos, rodas de conversa e atividades em agrupamentos diversos e flexíveis, o uso de fichas individualizadas, propostas adaptadas e projetos interdisciplinares. O mais importante, para mim, é garantir que cada criança possa acessar o conhecimento de forma significativa, se sentir parte do processo e perceber que pode aprender, a seu modo e no seu tempo. (Entrevista com a professora).

Essa fala da docente revela uma concepção de planejamento pedagógico comprometida com a inclusão, a diversidade e a intencionalidade pedagógica. Demonstra compreender que o ato de planejar não se limita a escolher atividades, mas

envolve traçar caminhos diferenciados para atender às necessidades, ritmos e modos de aprendizagem de cada criança.

Outro ponto central na fala da docente é a preocupação em garantir a participação e o pertencimento das crianças. O planejamento, nessa perspectiva, ultrapassa a dimensão técnica e assume um caráter inclusivo, pois reconhece que o acesso ao conhecimento precisa ser significativo e equitativo. Além disso, a professora apresenta um olhar sensível para o desenvolvimento infantil ao destacar que cada criança aprende “a seu modo e no seu tempo”. Essa postura rompe com a lógica da padronização e valoriza o respeito às diferenças, favorecendo um ambiente em que todos possam aprender.

A docente menciona ainda, em sua entrevista, que utiliza os agrupamentos como forma de apoiar para o seu planejamento, assim, ela diz que tenta respeitar a diversidade de todas as crianças, como pode se observar no trecho da entrevista a seguir:

Procuro organizar meu planejamento a partir da escuta atenta e da observação contínua das crianças. Uma das estratégias que utilizo com frequência é o agrupamento por níveis de conhecimento e de dificuldades semelhantes, de modo que as crianças possam trabalhar juntas e se apoiar mutuamente no desenvolvimento dos objetivos propostos. A partir desses agrupamentos, elaboro atividades diversificadas, considerando diferentes formas de organização: tarefas individuais, em duplas, em pequenos grupos ou com toda a turma. Algumas propostas são pensadas para que as crianças consigam realizar de forma autônoma, enquanto outras requerem mediação mais próxima do adulto. Busco sempre equilibrar momentos de maior apoio com momentos em que elas possam experimentar, testar hipóteses e colaborar entre si. Assim, consigo atender melhor à diversidade presente na sala, respeitando os diferentes tempos e modos de aprender. (Entrevista com a professora)

Em sua fala a professora apresenta uma concepção de planejamento pedagógico centrada na criança, fundamentada na escuta atenta e na observação contínua como pontos de partida para a ação docente. A professora planeja a partir daquilo que observa nas necessidades dos alunos.

A estratégia de agrupamento por níveis de conhecimento e dificuldades semelhantes mostra uma preocupação em organizar situações de aprendizagem que favoreçam a cooperação e a troca entre pares. Nessa lógica, o agrupamento não é fixo nem excludente, mas um recurso didático que possibilita experiências significativas, permitindo que as crianças aprendam tanto com a mediação do professor quanto com a colaboração entre colegas.

Além disso, a alternância entre diferentes formas de organização — tarefas individuais, em duplas, em pequenos grupos ou em grande grupo — é essencial para contemplar os diversos estilos e ritmos de aprendizagem. Essa postura evita a padronização e promove a equidade no acesso ao conhecimento.

Assim, Teixeira e Bernardelli(2016) irão relacionar a aprendizagem com momentos de confrontos de ideias, para que o cérebro seja estimulado a criar hipóteses de possíveis soluções sobre problemas encontrados na sua atividade. A partir deste enfoque, é indispensável revelar que essa habilidade quando bem estimulada desenvolve não somente aspectos cognitivos que serviram de base para relacionar na sociedade, como também para a habilidades sociais de interação para a cooperação\limitações de atitudes antes observadas pelo indivíduo.

Vale ressaltar que os agrupamentos frente a clareza na definição dos seus propósitos funcionam concretamente para avanço simultaneamente das aprendizado dos educando, para este efeito é necessário que o docente estude possibilidades e permite que os educandos sejam bem mediados mas sempre com respeito que eles têm também que suscita o diálogo e confronto de ideias com seus pares para resolver situações conflituosas.

5. Considerações

É evidente que a estratégia de agrupamento deve ir além da simples organização espacial para evitar dispersões. Quando realizada com objetivos pedagógicos claros, essa estratégia pode promover a inclusão efetiva dos alunos nas práticas de alfabetização, contribuindo significativamente para o processo de aprendizagem, mesmo entre crianças em diferentes níveis de conhecimento.

Como demonstrado anteriormente, existem formas de agrupar as crianças que não se limitam a neutralizar distrações, mas que também favorecem o avanço na

aprendizagem de todos os alunos, respeitando suas singularidades e ritmos de aprendizagem. Essa abordagem está alinhada aos princípios da educação inclusiva, que preconizam a valorização da diversidade e a promoção de oportunidades de aprendizagem equitativas para todos os estudantes.

Em síntese, este trabalho observou que a prática pedagógica da docente, conforme relatada, contempla a observação dos objetivos propostos e os resultados alcançados. No entanto, para que essa prática seja mais efetiva, é necessário que os objetivos pedagógicos estejam alinhados com uma abordagem centrada na aprendizagem, sintonizada com os princípios da educação inclusiva. Isso implica promover a educação de sujeitos críticos e autônomos, preparados para atuar em sociedades plurais, por meio de práticas pedagógicas que respeitem e valorizem a diversidade.

Referências

- AQUINO, J. R. G. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1998. 215 p.
- ARAÚJO, J. C. C. de; TELES, R. A. de M. Percepção de crianças do ciclo de alfabetização sobre rotina. In: Santana, Eurivalda Ribeiro Dos Santos; Kataoka, Valéria Yamamoto; Alves, Ana Amaral (Org.). **4.º Simpósio Internacional De Pesquisa Em Educação Matemática: Educação Matemática E Contextos Da Diversidade Cultural – Comunicações Orais Do Eixo “Pesquisa Na Sala De Aula De Matemática”**. Ilhéus, Ba: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2015. P
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Presidência da República. 1988.
- BLOOM, B. S.; ENGELHART, Max D.; FURST, Edward J.; HILL, Walter H.; KRATHWOHL, David R. **Taxonomy of Educational Objectives: The Classification of Educational Goals**. Handbook I: Cognitive Domain. New York: David McKay Company, 1956. 428 p.
- CAVALCANTI, A. C. N; SILVA, D. M. da; LEAL, T. F. **A Ação Docente e o Tratamento da Heterogeneidade de Níveis Conhecimentos**. Congresso Brasileiro de Alfabetização. Eixo: Alfabetização e modos de aprender e ensinar. 2021.
- CHAIKLIN; Seth. **A Zona De Desenvolvimento Próximo Na Análise De Vigotski Sobre Aprendizagem E Ensino**. Tradutora: Juliana Campregher Pasqualini. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 4, p. 659-675, out./dez. 2011.
- DAMIANI, M. F. **Entendo o trabalho colaborativo em Educação e Revelando seus Benefícios**. Curitiba, editora UFPR. n.31, p. 1213-230. 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

- LEAL, T. F.; SILVA, M. D. da. Agrupamentos em Sala de aula: Como e pra quê? In: **Heterogeneidade nas práticas de alfabetização: O ensino na perspectiva da diversidade social e diferenças individuais**. LEAL, T. F; PESSOA A. C. G. (Orgs). Ponta Grossa, Paraná: Ed. Atena, 2023.p. 181-209.
- LEAL, T. F.; SÁ, C. F. DE; SILVA, E. C. N. **Heterogeneidade, Educação e Linguagem em Contextos do Campo e da Cidade**. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. 2018.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**. 2.ed. Rio de Janeiro: E.P.U. 2018.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.
- TEIXEIRA, P. G; BERNARDELLI, K. C. A. **A Heterogeneidade: Um trabalho para todos e cada um em sala de aula**. Uberlândia, Minas Gerais. 2016.
- PICARELLI, I. **Concepções, práticas pedagógicas e diversidade cognitiva em classes heterogêneas**. Universidade Católica De São Paulo PUC-SP. São Paulo. 2013.

APÊNDICES

Roteiro da entrevista

Perfil da docente

- Nome da professora:
 - Formação acadêmica
 - Tempo de atuação nos anos iniciais do ensino fundamental
 - Escola onde leciona:
1. Como você compreende a heterogeneidade de conhecimentos em sua sala de aula?
 2. Quais são as principais diferenças que você observa entre os alunos ao ingressarem nos anos iniciais? (ex.: linguagem, leitura, escrita, matemática, experiências culturais, etc.)
 3. Quais estratégias você utiliza para atender alunos com diferentes níveis de conhecimento e experiências?
 4. Você costuma realizar diagnósticos ou avaliações iniciais para identificar essas diferenças? Como?
 5. De que forma você organiza suas atividades e planejamentos para contemplar essa diversidade?

6. Que recursos (materiais, tecnológicos, humanos) você utiliza para mediar as aprendizagens de forma diferenciada?
7. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao lidar com a heterogeneidade em sua sala de aula?
8. Você percebe apoio da gestão escolar, da rede pública ou dos colegas para trabalhar com as diferenças dos alunos?
9. Quais práticas ou experiências você considera bem-sucedidas no trabalho com turmas heterogêneas? Pode compartilhar algum exemplo?
10. A sua formação inicial e continuada oferece subsídios suficientes para trabalhar com a heterogeneidade de conhecimentos?
11. Na sua visão, o que poderia ser feito (pela escola, pela rede ou pela formação docente) para melhorar o atendimento às diferentes necessidades dos alunos?
12. Gostaria de acrescentar algo mais sobre sua experiência com a heterogeneidade de conhecimentos nos anos iniciais?

ANEXOS